



ELAS

DO OLHAR AO VERBO

curadoria **DANI NECTOUX REMIÃO**

ELAS

DO OLHAR AO VERBO

curadoria **DANI NECTOUX REMIÃO**

REMIÃO, Dani Nectoux
ELAS - do olhar ao verbo
Lisboa: junho, 2025
ISBN 978-989-9076-62-4

Curadoria / Curatorial
Dani Nectoux Remião

Projeto Gráfico / Graphic Design
Chat Noir .ART

Revisão de Texto / Text Review
Aline De Bonna

Este catálogo foi publicado por ocasião da exposição
ELAS - do olhar ao verbo, realizada na Sala do
Desembargador, no Palácio Baldaya, de 03 a 15 de
junho de 2026.

Realização
Rede Sem Fronteiras
www.redesemfronteiras.com.br

ELAS

DO OLHAR AO VERBO

curadoria **DANI NECTOUX REMIÃO**



REDE SEM FRONTEIRAS

Dyandrea Portugal

CURADORIA

ELAS - do olhar ao verbo
Dani Nectoux Remião

EXPOSIÇÃO

ARTISTAS

Ale Ramos
Ana Maria Tourinho
Andréa Brächer
Angela Guerra
Ascensión Chanqués
Bebel Ritzmann
Carmen F. Fonseca
Cynthia Jappur

Dani Nectoux Remião
Debora Pio
Delise Renck
Edina de Azevedo
Franciélien Búrigo
Heloísa Biasuz
Isabel Nectoux
Jussara Moreira
Maddi Mattos
Maria Inês Nectoux Remião
Marita Valverde Portugal
Marta Verônica
Regina Crema
Rose Aguiar
Sandra Silva
Sophia Mota Viviani
Tafinis Said
Zoravia Bettiol

REDE SEM FRONTEIRAS

Dyandrea Portugal

A *Rede Sem Fronteiras* nasceu com o propósito de aproximar pessoas, culturas e expressões artísticas por meio da língua portuguesa, da literatura, das artes e do diálogo entre povos. Com sede em Lisboa e atuação internacional, a RSF vem construindo, ao longo dos seus 13 anos de trajetória, uma rede de criação, partilha e valorização cultural que ultrapassa fronteiras geográficas e simbólicas.

Mais do que promover eventos, a *Rede Sem Fronteiras* procura criar espaços de encontro. Espaços onde artistas, escritores, educadores, pensadores e agentes culturais possam apresentar as suas obras, fortalecer vínculos, ampliar visibilidades e contribuir para uma cultura mais plural, humana e participativa.

É nesse contexto que a Semana Cultural da RSF ganha especial significado. A comemoração dos 13 anos da organização

não se limita a uma cerimónia simbólica. Ao longo de vários dias, a programação reúne literatura, artes visuais, música, performances, homenagens, lançamentos, encontros e momentos de reflexão, reafirmando o compromisso da RSF com os seus membros, parceiros e convidados. Dentro desta proposta ampla, a *Rede Sem Fronteiras* sentiu a necessidade de criar, na sua Semana Cultural, um espaço dedicado também aos artistas plásticos e visuais. A ideia nasceu do desejo de ampliar a programação para além da literatura e das solenidades, acolhendo outras linguagens artísticas e oferecendo aos artistas da RSF, bem como a artistas convidados, uma oportunidade concreta de exposição, encontro e reconhecimento.

Para que essa intenção ganhasse forma, consistência e identidade própria, a RSF convidou Dani Nectoux Remião, artista e curadora, que assumiu a preparação do

projeto expositivo. A partir dessa proposta inicial, coube à sua curadoria desenvolver o conceito, definir o nome da exposição, contactar os artistas, acompanhar as participações e construir a unidade estética e simbólica do conjunto apresentado.

Dessa parceria nasceu *ELAS – do olhar ao verbo*, uma exposição concebida para evidenciar a força feminina como presença criativa, estética, simbólica e transformadora. O nome traduz a essência da proposta: “ELAS” coloca o feminino no centro da experiência artística; “do olhar ao verbo” sugere o caminho entre aquilo que se vê, sente e interpreta, e aquilo que se transforma em linguagem, imagem, gesto, palavra e expressão.

A escolha do feminino como eixo central confere à exposição uma dimensão sensível e necessária. A RSF reconhece a importância das mulheres como criadoras, intérpretes, narradoras e transformadoras de realidades. Nesta exposição, o feminino não aparece apenas como tema, mas como força viva: memória, resistência,

delicadeza, denúncia, afeto, identidade, corpo, silêncio, voz e criação.

A curadoria de Dani Nectoux Remião permitiu acolher diferentes linguagens, estilos, histórias e percursos artísticos, criando uma proposta expositiva capaz de respeitar a singularidade de cada obra e, ao mesmo tempo, construir uma narrativa comum. O resultado é um encontro visual que convida o público a perceber a arte como presença, escuta, afirmação e partilha.

ELAS – do olhar ao verbo integra, portanto, a Semana Cultural da RSF como um gesto de valorização da arte, dos artistas e da força feminina. É também uma afirmação do compromisso da *Rede Sem Fronteiras* com a cultura como instrumento de encontro, reconhecimento, transformação e memória.

ELAS - DO OLHAR AO VERBO

Dani Nectoux Remião

A exposição coletiva internacional *ELAS – do olhar ao verbo* reúne mais do que obras visuais de artistas mulheres. São vinte e seis presenças femininas que articulam imagem e texto em torno do processo criativo, celebrando o encontro entre artes visuais e escrita.

Neste percurso, a obra não se encerra na superfície visível. Prolonga-se na palavra, expande-se em narrativa, dobra-se sobre si mesma para revelar o que estava oculto. O texto não ilustra a imagem, assim como a imagem não ilustra o texto. Ambos se tensionam, se respondem, se atravessam. Assim, cada trabalho se transforma em um campo expandido de olhar e leitura, aberto à escuta da voz que o originou.

Tendo como eixo o *Feminino*, em suas múltiplas manifestações, esta exposição reúne artistas em diferentes momentos de percurso, de trajetórias já consolidadas a

participações expositivas ainda recentes, vindas de contextos e geografias diversas, unidas pela língua portuguesa. As obras emergem de heranças que carregamos, de elos visíveis e invisíveis, de vivências presentes e projeções de futuro, do corpo político, dos afetos íntimos e das urgências coletivas.

É significativo que esta exposição aconteça em Lisboa, no período da Feira do Livro, quando a cidade se torna grande casa da língua portuguesa. Se lá os livros se multiplicam em páginas, aqui a imagem se deixa atravessar pela palavra.

ELAS – do olhar ao verbo afirma uma dimensão essencial da arte contemporânea, a possibilidade de aproximar quem cria e quem contempla, não apenas pelas imagens, mas também pelas vozes com que as artistas narram o próprio fazer. Ao escrever sobre processos, dúvidas,

escolhas e descobertas, elas oferecem ao público um acesso raro ao avesso da obra, ao momento em que ideia e forma ainda se procuram.

A escolha de reunir artistas já consagradas com nomes recentes no cenário artístico também orienta esta proposta. Aqui coexistem trajetórias longas e reconhecidas com vozes que iniciam, neste espaço, seus primeiros diálogos públicos com o mundo da arte. Ao lado de artistas que circulam entre países e continentes, como *Zoravia Bettiol*, convidada especial da exposição, estão aquelas que ainda atuam sobretudo em contextos locais. Assim, obras amplamente legitimadas convivem com trabalhos que encontram aqui sua primeira morada expositiva.

Entre essas presenças, duas artistas são evocadas como homenageadas: *Maria Inês Nectoux Remião* e *Isabel Nectoux*. Já não estão fisicamente entre nós, mas suas vozes ecoam na voz de seus filhos, que lhes partilharam a vida e a sensibilidade. Sobre o processo de criação da obra de

Maria Inês, é a filha que escreve. Sobre a de Isabel, é o filho. A única voz masculina desta mostra não é uma exceção gratuita, e sim continuidade coerente da proposta. Ninguém fala melhor da obra do que quem com ela construiu laço afetivo.

Se, em outros momentos da história, foram necessárias vozes intermediárias, como a da Johanna, que recolheu, preservou e fez circular cartas e pinturas de Van Gogh para que enfim fossem reconhecidas, aqui são as próprias artistas que tomam a palavra e constroem, em primeira pessoa, a narrativa de suas obras. A curadoria não se coloca acima dessas vozes, mas ao lado delas, organizando um espaço de escuta, aproximando trabalhos, produzindo encontros, viabilizando relações.

Ao iniciar o percurso pelo espaço expositivo no Palácio Baldaya, uma tela branca apoiada em um cavalete de pintura convoca de volta a obra de **Maria Inês Nectoux Remião**, *O quadro das rosas* (1966), perdida no tempo, que a artista pintou ainda na juventude. Guiados

pelas palavras da lembrança da filha, os visitantes recompõem mentalmente o cesto de vime, as rosas que se derramam pelo chão, o relevo generoso das pétalas quase escapando da moldura. Assim, a obra ausente renasce nas retinas interiores de quem a imagina, e cada pessoa se torna coautora de uma pintura que persiste em forma de lembrança e afeto. A memória da obra da artista espalha seu perfume invisível pela mostra e acolhe, nesta galeria, as obras que fazem morada nesta exposição.

Ao lado, a obra da série *Ela e os jardins* (2022–2023) de **Dani Nectoux Remião** parte de um retrato jovem da mãe, da época em que se desenvolvia como artista, para fazer das fotografias de família um campo sensível onde memórias e afetos se entrelaçam. A artista desloca esse retrato íntimo para jardins europeus e trabalha com processos fotográficos artesanais e pigmentos vegetais que fazem a própria natureza participar da imagem. Na obra apresentada, os hibiscos de um jardim parisiense envolvem o corpo

retratado, criando um território em que memória e imaginação se sobrepõem. A partir de processos artesanais e aplicação de pigmentos vegetais, o desbotar gradual das cores incorpora o tempo como matéria, assumindo a própria efemeridade como parte da poética.

A obra *Rainha de Rosas* (2014) de **Isabel Nectoux** completa o recanto familiar desta exposição. A artista faz do retrato feminino um espaço de encantamento e mistério. A mulher com uma rosa vermelha nos cabelos é envolvida por halos de azul, como se vivesse entre molduras e auréolas de luz. A cor azul, que circunda e sustém a cena, sugere um território de silêncio e interioridade. Os adornos revelam uma feminilidade construída nos detalhes e na delicadeza dos gestos. O quadro é ao mesmo tempo espelho e janela: espelho de uma geração de mulheres que existiu dentro de enquadramentos rígidos, janela para a pergunta que permanece: quem é essa mulher, e que vida pulsa para além das bordas da imagem?

Ainda no espaço inicial da exposição, junto às obras das artistas homenageadas e da curadora, está a obra *O nascimento de lemanjá* (1973) da convidada especial desta mostra expositiva, **Zoravia Bettiol**. Ao centro de sua xilogravura, uma figura feminina irrompe das águas diante de um sol alaranjado, cercada por flores e galos que anunciam o dia. A artista aciona a vertente mítica de sua obra para recontar, pela gravura, uma das grandes matrizes simbólicas das religiões afro-brasileiras. As formas chapadas, as cores intensas e o caráter quase lúdico da composição revelam lemanjá radiante, em movimento, entre pássaros e flores que aludem às oferendas de seus devotos. Nela se condensam força da natureza, ancestralidade e figura materna, um corpo feminino que cria mundos, abre caminhos e sustenta a vida em fluxo contínuo. Em sua obra, a mitologia é um campo vivo de imagens, onde a artista inscreve, com delicadeza e vigor, a presença das mulheres como eixo de energia, proteção e renascimento.

Ao lado da representação da mãe lemanjá, estão obras que remetem à maternidade. Na obra da série *Querida Erna* (2021–2022), **Andrea Bracher** revisita arquivos de família e imagens anônimas para fabular visualmente a infância da avó cuja história conhece mais por relatos do que por fotografias. A obra apresentada nasce da ausência de imagens desse tempo e propõe um retrato possível, em negativo, de uma menina que segura uma boneca junto ao peito, gesto que insinua como as meninas são convocadas desde muito cedo a ensaiar a maternidade como destino possível. Ao transformar essa ausência de fotografias em presença inventada, a artista homenageia a avó e interroga o poder das imagens na construção das histórias de família.

Em contraste a esta imagem em negativo preto e branco em que uma menina, supostamente de origem alemã, ensaia com a boneca o gesto da maternidade ainda na infância, *Super Poder* (2025), uma fotografia em cor de **Ale Ramos**, apresenta a presença plena de uma mãe

negra com o filho ao colo. Se na primeira imagem a maternidade aparece como projeção futura, aqui ela se afirma como experiência vivida, inscrita na pele, nos tecidos vibrantes e na penumbra terrosa da casa africana. A artista descreve um processo de aproximação silenciosa em que luz, textura e respiração da cena orientam o enquadramento até o instante em que o olhar da retratada encontra o seu. O retrato preserva vulnerabilidade e poder, e o ato de amamentar se torna imagem de força, intimidade e dignidade, abrindo um diálogo delicado entre diferentes modos de representar o materno na exposição.

No segundo ambiente da exposição, estão três obras dividindo o espaço de mesma parede. Em *Souvenirs d'une robe* (2021), **Delise Renck** toma o vestido como território de afetos, memórias e narrativas silenciosas. A peça de roupa deixa de ser simples adorno para se tornar presença e vestígio, aquilo que envolve o corpo e também o que permanece quando ele já não está. Em suas dobras e movimentos, o vestido guarda lembranças

de encontros, despedidas, celebrações e transformações, funcionando como extensão da identidade e reflexo de estados de espírito. Como símbolo do feminino, aparece em sua potência ambígua, delicado e forte ao mesmo tempo, abrigo e expressão. A obra convida quem olha a reconhecer nesse tecido imaginado as próprias histórias, percebendo como objetos aparentemente simples podem sustentar as memórias mais profundas.

Em *O Sol sobre as Rochas* (2024), **Cynthia Jappur** associa a figura do sol ao feminino que irradia amor, esclarecimento e calor sobre um mundo duro e sombrio. A imagem apresenta um orbe incandescente que toca e transforma as rochas em flor, metáfora do ventre que gera vida e da maternidade como ápice da natureza feminina. A artista aproxima sua experiência como mãe e Promotora de Justiça, entendendo também a Justiça como sol que penetra nas fissuras do mundo e instaura ordem, limites e possibilidade de convivência. A

fotografia digital com intervenção na pós-produção torna visível esse movimento de transmutação, em que o feminino atua como força que protege, fecunda e ressignifica a realidade.

Entre essas duas obras, que compartilham uma mesma paleta em tons terrosos e quentes, a imagem de **Jussara Moreira** se coloca como eixo mais silencioso, em registro cromático neutro, articulando visualmente o diálogo entre memória íntima, corpo e mundo. Na obra *Entre véus* (2002), a artista trabalha a partir de álbuns de família e negativos de vidro antigos para pensar tempo, memória e intimidade. A fotomontagem combina o retrato da mãe da artista em seu casamento, com o rosto coberto por um véu, e a imagem de duas irmãs na infância, criando uma recordação inventada que homenageia gerações de mulheres. Em tons esmaecidos de cinza e sépia, próximos ao desgaste do próprio suporte, a imagem reforça a ideia de fragilidade, apagamento e permanência. A obra explicita a delicadeza das relações ao evocar os primeiros suportes fotográficos

e a passagem do analógico ao digital, aproximando passado e presente. Ao sobrepor rostos, corpos e transparências, a artista aponta as mulheres como protagonistas da preservação das memórias familiares, guardando fotografias, alegrias, dores e lágrimas.

Em *Estudo de nu feminino* (2024), **Ascensión Chanqués** narra o desafio de pintar não apenas um corpo, mas a alma que se oculta por trás da silhueta. Cada curva carrega uma história silenciosa, mais próxima da verdade interior do que de qualquer intenção de sedução. A pintura nasce de uma atitude de reverência, buscando ouvir o que o feminino diz quando se despe de defesas e se afirma como território de profundezas e presença. A obra ocupa um recanto mais reservado da sala, em que a parede recua levemente para dentro, como se abrisse um pequeno abrigo para este corpo em contemplação, em delicada vizinhança com a imagem do vestido. O corpo sem roupa e a roupa sem corpo parecem completar uma mesma narrativa, como duas faces de

uma realidade possível em que o feminino circula entre pele e tecido, entre exposição e memória.

Na obra *Chama de fogo* (2023) de **Edina de Azevedo**, o feminino aparece na maneira com que o encontro entre céu, sol e rio é percebido pela artista, como gesto de amor e proteção. Associando a luz dourada que se espalha sobre as águas à presença de um cuidado que acolhe, consola e renova a fé, aproximando essa paisagem de uma figura materna que guarda e fortalece. O feminino se manifesta nesse olhar que enxerga na natureza um sinal de comunhão, paz e esperança, traduzindo a experiência espiritual em imagem luminosa.

Dividindo a mesma parece e compartilhando a mesma paleta em tons de amarelo ao azul, está a obra *Humanidade* (2025), de **Maddi Mattos**, que parte de um longo processo de reflexão sobre o feminino como campo vasto, múltiplo e historicamente ferido para construir uma imagem que é também poema. A artista encontra no florescer a metáfora central

de uma força que resiste, se refaz e volta sempre mais intensa. Fragmentos de papel com trechos de um poema em elaboração são organizados como vozes hipotéticas de mulheres que se apropriam de si, de suas histórias e de seus corpos, formando um coro de afirmação e cuidado coletivo. Sobre um fundo que se revela como campo de lavanda e trigo, território de cultivo e permanência, a obra afirma o feminino como força de vida que nutre, acolhe e sustenta, mesmo em contextos adversos.

Em *Transmutação* (2021–2022), **Heloísa Biasuz** aproxima o feminino da imagem da árvore, entendendo cada mulher como corpo que enraíza e sustenta folhas, flores e frutos mesmo em condições adversas. Duas folhas de *Solanum bullatum*, atravessadas por rendas, costuras, colagens e acrílico, inscrevem na superfície a experiência de uma fragilidade que se converte em força, como se o corpo feminino transmutasse a dor em impulso vital. As técnicas manuais, historicamente associadas ao universo das mulheres, afirmam o fazer artístico como gesto de presença e afirmação das

mulheres na arte. Ao evocar o inverno como tempo de recolhimento necessário à renovação, a obra projeta o feminino como potência delicada e persistente, que abraça a própria vulnerabilidade para fazer a vida florescer novamente.

Ao lado desta imagem, a obra *Suspiros* (2025) de **Tafinis Said** apresenta um corpo que também é território vivo, agora transformado em floresta amazônica. A figura de olhos fechados e pescoço erguido encarna o gesto da entrega plena, um suspiro longo em que o controle cede lugar ao florescer do próprio ser. Cabelos que se convertem em flores e pele que se torna solo afirmam o corpo como lugar sensível onde medos, desejos, cicatrizes e sonhos se inscrevem. Esse corpo floresta é a própria Amazônia, presença que respira, pulsa e insiste em renascer. O feminino aparece como força que acolhe e resiste, vulnerável e potente, tal como a mata que se recompõe mesmo ferida, em contínuo ciclo de queda e renovação.

Em *A Guardiã do Manto* (2010), **Regina**

Crema transforma a visão intensa de um sonho em imagem tátil e simbólica. A artista relata ter despertado com a cena de uma grande mulher ancestral erguida e ativa, carregando um manto onde se inscreviam lutas e renascimentos tecidos por muitas vozes femininas. Cada objeto pendurado nesse manto é memória de mulheres que a formaram e de partes de si que floresceram. O corpo nu surge apenas com esse manto sagrado, convertendo fragmentos de cotidiano em legado. Assim, aquilo que o olhar enxerga se torna narrativa, celebrando a força compartilhada e o renascer do feminino que se reconhece e segue tecendo sua própria luz.

Na mesma parede, compartilhando paleta semelhante e a mesma atenção às heranças afetivas, está a obra da série *Diários de memórias* (2024) de **Rose Aguiar**. Conjugando fotografia de família e cristais, a artista aproxima essas imagens das peças raras guardadas na cristaleira, ambas portadoras de histórias singulares e delicadas. A luz que atravessa o cristal e se espalha pela fotografia evoca a

permanência e a fragilidade das relações, como um patrimônio sentimental que resiste ao tempo. Ao aproximar sombras, brilhos e retratos, a artista traduz em imagem esse mosaico de recordações que ilumina o passado e convida a uma reflexão silenciosa sobre o valor das memórias.

Em *Meu Quintal* (2025), **Marta Verônica** aproxima o feminino da imagem delicada de uma rosa fotografada no jardim herdado da mãe. A flor em primeiro plano, ainda com gotas de água nas pétalas creme e rosadas, é retratada com nitidez quase tátil sobre um fundo desfocado de verdes e vermelhos, como se o quintal inteiro respirasse através dela. Esse enquadramento transforma a rosa em personagem central, síntese de memória, herança e continuidade entre gerações de mulheres.

A mesma ternura que envolve essa flor reaparece na imagem de *Ao Nível do Olhar* (2023) de **Ana Maria Tourinho**, onde a mulher ajoelhada diante do filho

cria um abrigo de afeto em pleno espaço de passagem. Nas duas obras, o feminino se afirma como gesto silencioso que sustenta a vida, seja na rosa que floresce no jardim da mãe, seja no corpo que se inclina à altura da criança para acolher seu mundo.

Na mesma parede, deslocando o foco da doçura para a experiência da dor e da perda, está outra dupla de obras que revelam um registro mais sombrio e introspectivo do feminino. Em *Cicatrizes* (2025) de **Bebel Ritzmann**, a fotografia mostra em close a mão que aproxima agulha e linha vermelha da parede quebrada, criando a cena de uma costura impossível que, no plano simbólico, fala das rupturas e violências que atravessam a vida das mulheres. A fissura aberta no muro, em vez de ser apagada, é atravessada por esse fio que carrega memória, sangue e vitalidade, transformando a ferida em narrativa visível. Essa ação silenciosa encontra ressonância em *Aceitação* (2025) de **Debora Pio**, que imagina a morte como negativo de fotografia à espera de revelação. A atmosfera de introspecção e certa tristeza que atravessa

a obra ecoa o gesto de costurar o que se quebrou, aproximando as duas obras na forma como projetam um feminino que enfrenta fissuras profundas e, ainda assim, segue respirando entre ausências, travessias e despedidas.

Na última parede, o diálogo entre preto e branco e a cor se organiza em três pares que desdobram diferentes formas de cura, fabulação e força feminina ao longo do tempo. Na dupla formada por *A Rosa* (1999) de **Carmen F. Fonseca** e *A Delicadeza de Existir* (2025) de **Marita Valverde Portugal**, a cor irrompe como sinal de sobrevivência. Na tela de Carmen, a rosa vermelha em relevo ergue-se solitária sobre um campo quase monocromático, afirmando a mulher como flor guerreira que atravessa dor e fé em direção à luz. Já na obra de Marita, o rosto feminino envolto por borboletas coloridas transforma a fragilidade em metamorfose, narrando a experiência de adoecimento e renascimento da artista. Em ambas, o feminino se revela como força que, mesmo ferida, encontra caminhos de cura e reinvenção, fazendo da própria vida

um processo contínuo de florescer.

O encontro entre *Musa inspiradora* (2012) de **Angela Guerra** e *Bonequinha de luxo* (2023) de **Franciellen Búrigo** se dá no território da moda e da construção da imagem da mulher. No desenho em grafite de Angela, a figura esguia, elegante e bem penteada nasce de um catálogo de tinturas de cabelo e é eternizada no traço como ideal de sofisticação e encanto. Na colagem de Franciellen, recortes de revistas de moda e beleza são reorganizados sobre papel queimado, cinzas e dourados, trazendo à tona os brilhos e fissuras das expectativas de perfeição impostas às mulheres. As duas obras partem do universo das revistas e da moda, mas enquanto Angela celebra a musa que seduz o olhar, Franciellen expõe a pressão, o julgamento e a necessidade de renascer das cinzas, afirmando um feminino múltiplo e resistente.

Na dupla entre *As Criadoras do Mundo* (2025) de **Sophia Mota Viviani** e *A Mulher e a fecundidade* (2023) de **Sandra Silva**, o contraste entre o desenho em preto e

branco e a aquarela colorida acentua diferentes tempos do feminino e, ao mesmo tempo, os aproxima. Na obra de Sophia, o traço monocromático evoca as mulheres que vieram antes, figuras que a sustentam como forças da natureza, associadas a ciclos, elementos e energia ancestral. Já na obra de Sandra, as cores se voltam para a geração seguinte, o filho no útero que fortalece a mãe e reconfigura sua experiência de ser mulher. De um lado, a artista encontra amparo nas ancestrais que a impulsionam a seguir. De outro, a maternidade em gestação imprime novo sentido à sua própria identidade. Entre as duas obras, o feminino aparece como linha de transmissão entre passado e futuro, corrente que se alimenta tanto da memória das que precedem quanto da promessa dos que ainda vão nascer.

A partir de diferentes territórios da lusofonia, a exposição propõe uma cartografia afetiva e política de mulheres na arte. Configura-se como lugar de encontro entre olhares e palavras, em que o público é convidado a contemplar não

apenas a forma visível da imagem, mas também o gesto íntimo da criação que as artistas se arriscam a verbalizar, abrindo uma fresta no tempo da obra e traçando um caminho em que olhar e verbo se entrelaçam.

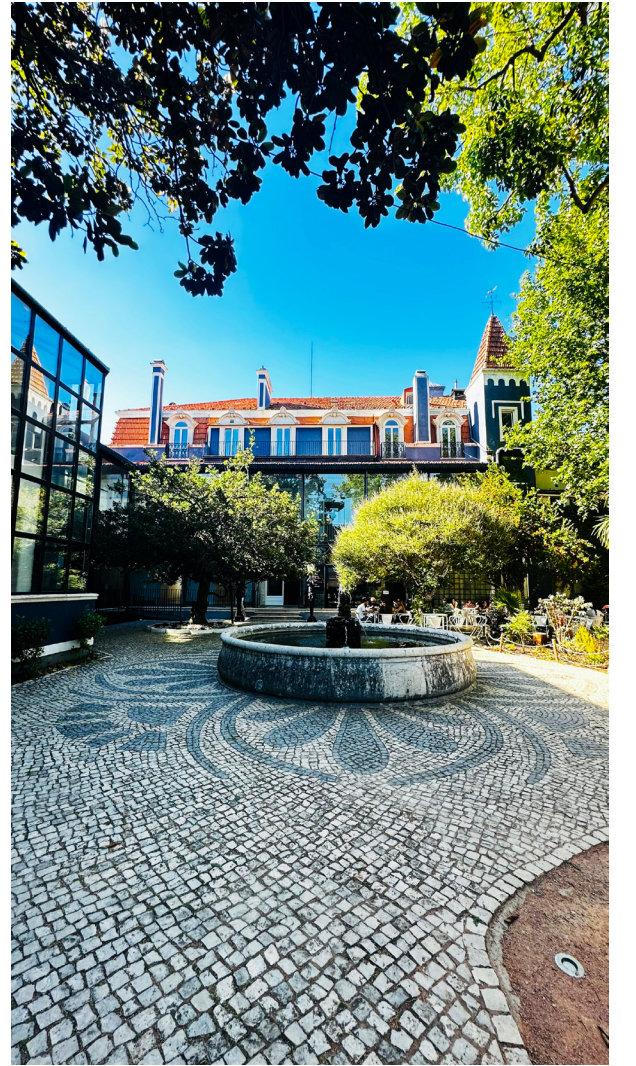
Dani Remião (1972, Porto Alegre, RS, Brasil)

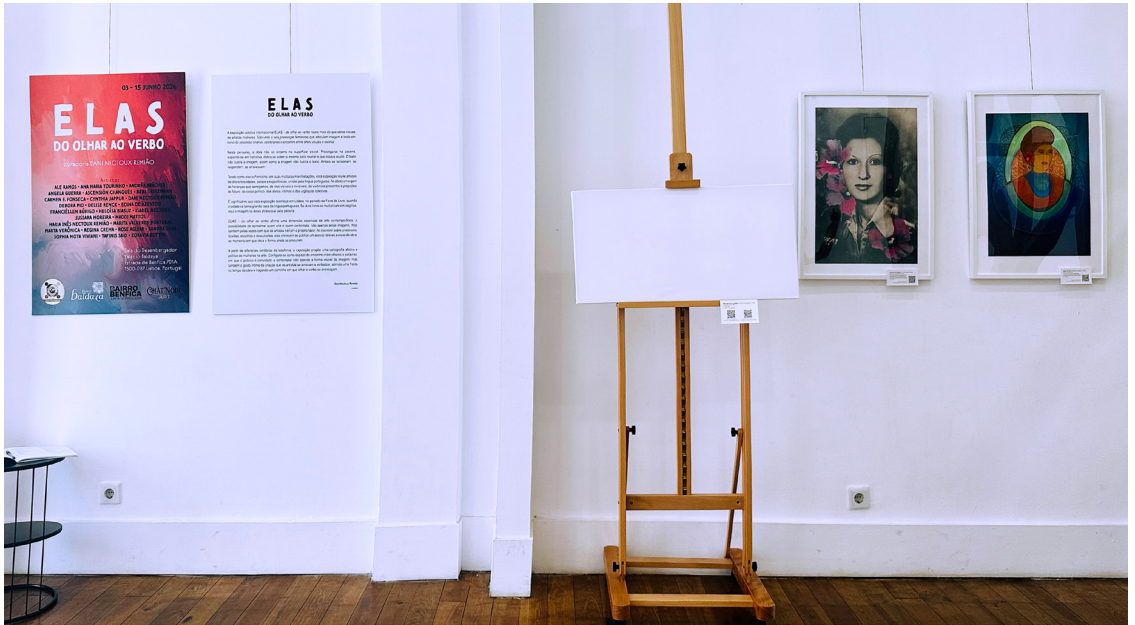
Fotógrafa, artista visual, curadora, professora e pesquisadora. Vive e trabalha em Portugal. Doutora em Belas Artes na Universidade de Lisboa (FBAUL, 2026), na área de Ciência da Arte e do Património; mestre em Artes Visuais (UFRGS, 2018), na área de Poéticas Visuais; e mestre em Ciências da Computação (PUCRS, 1999), na área de Inteligência Artificial. Fundadora e curadora do Chat Noir .ART - atelier & galerie. É membro da Comissão de Poéticas Artísticas da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas do Brasil (ANPAP), do Conselho Científico da Editora Atena, do Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes da Universidade de Lisboa (CIEBA), do Instituto de Comunicação da Universidade Nova (ICNOVA) e da Árvore Cooperativa de Atividades Artísticas (Porto, PT). Pesquisa sobre mulheres na fotografia, fotografias de família, arte e ciência, processos fotográficos históricos e alternativos e seu hibridismo com processos digitais. Possui obras em acervos públicos e privados. Como artista, participou de exposições individuais e coletivas em todas as regiões do Brasil, e em Portugal, Bélgica, França, Inglaterra, Itália, Suíça e Estados Unidos. Como curadora, realizou exposições individuais e coletivas no Brasil e em Portugal.

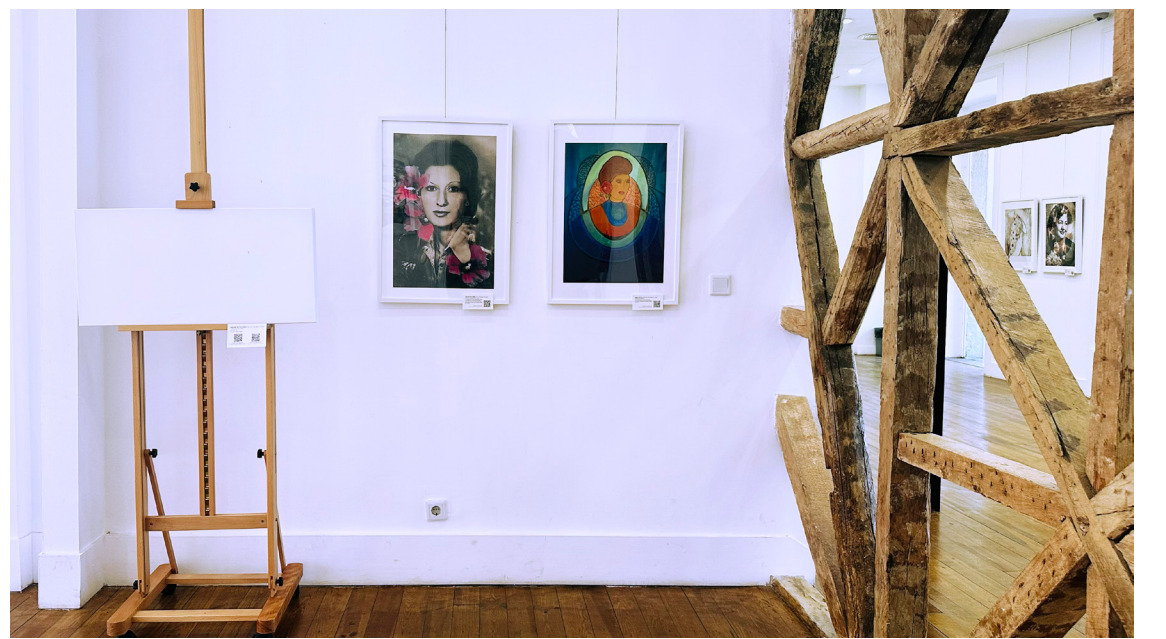
Instagram: @daniremiao

Website: www.daniremiao.com

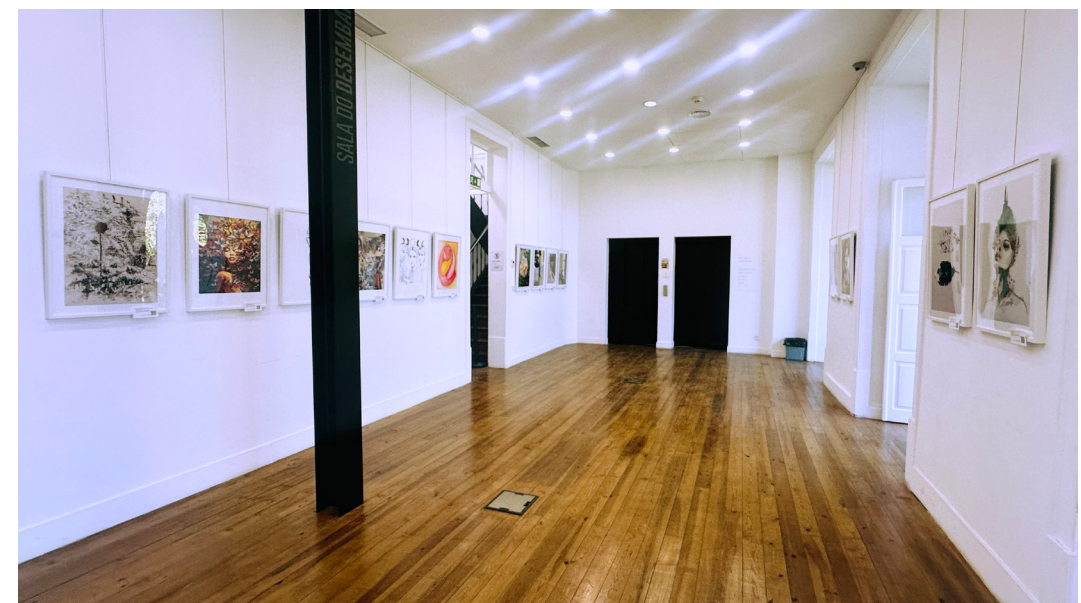
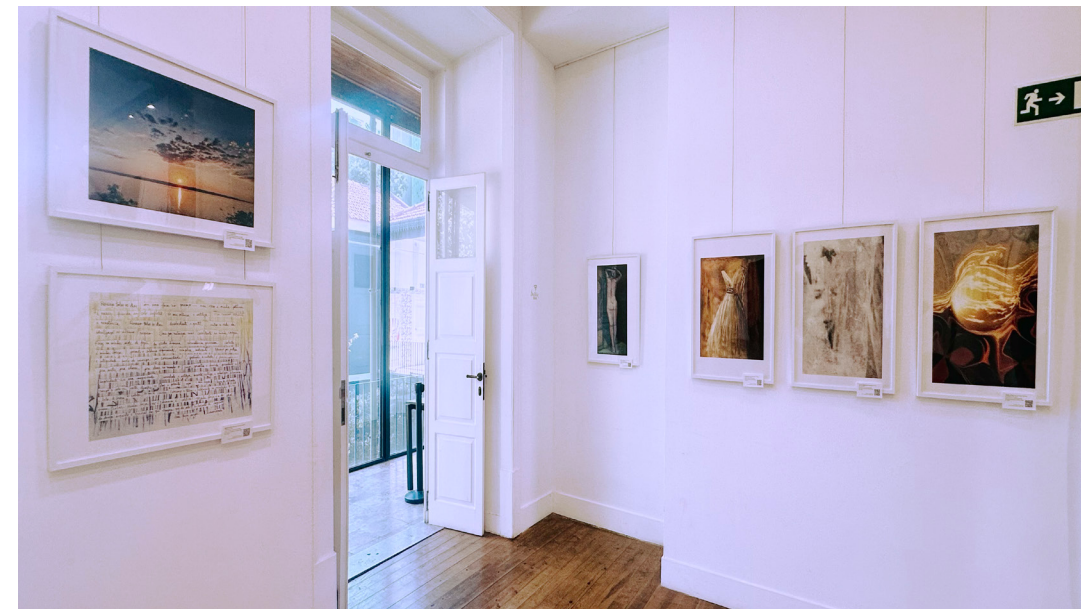
EXPOSIÇÃO



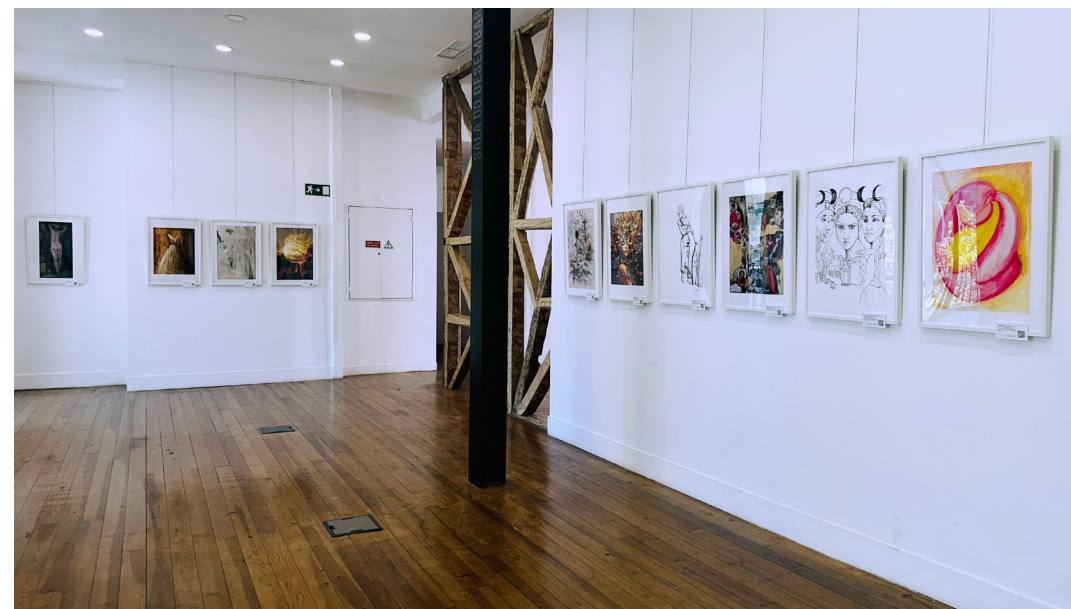
















REGINA CREMA (1953, Sacramento, MG, Brasil)

Mineira de Sacramento e rondoniense de coração, Maria Regina chegou à região norte em 1979. Participou de salões e bienais, como o XII Salão de Artes Plásticas de Rondônia - SART e a X Bienal Internacional de Gravura (Acqui Terme, Itália). Participou da exposição Arte Sem Fronteiras no Congresso Internacional de Cultura Lusófona (Oeiras, Portugal) em 2023; exposição Amazônica em Cores na Convenção Brasil-Bolívia, no Viva Arouche (SP), na Villa Matarazzo (Itália), em Mossoró & Fortaleza (CE, Brasil) e Salon du Livre de Genève. Integra a Rede Sem Fronteiras/PRT; AJEBE/RO e UNIPAZ/RO. É autora do livro Regina Crema Artes e coautora dos livros Artes Plásticas no Contexto Regional e Beiradão das Visagens – também ilustradora. Ilustrou vários livros infantis, além de assinar capas de obras literárias. Participou de várias coletâneas e antologias nacionais e internacionais.

Instagram: [@m.regina.crema](https://www.instagram.com/m.regina.crema)

Website: www.mariareginacremavelloso.com.br

Regina Crema

REGINA CREMA
A Guardiã do Manto (2010),
 Impressão fine art com tinta pigmentada s/ papel Hahnemühle PhotoRag 308gsm, 70 x 50 cm
 A partir de original em técnica mista, vinil sobre madeira, 60 x 50 cm fotografia digital



A GUARDIÃ DO MANTO

O processo criativo desta obra nasceu de um despertar profundo. Acordei de um sonho tão nítido e belo que parecia conversar diretamente com o feminino em mim - e com todas as mulheres que, de algum modo, habitam minha história. Era como se uma teia invisível me tocasse, revelando elos feitos de memórias, gestos, afetos e heranças compartilhadas ao longo da vida. No sonho, surgia uma cena intensa e simbólica: eu carregava um grande manto onde se inscreviam as lutas, mas também o meu renascimento. Ali estava eu - ou talvez uma grande mulher ancestral - erguida, altiva, olhando para o alto, ressurgindo das cinzas e celebrando a força que se constrói a partir de muitas vozes femininas. Cada passo de minha trajetória parecia tecido por mãos que vieram antes e por mãos que ainda virão. O manto sagrado trazia pendurados inúmeros objetos significativos: tachos de bronze, escumadeira, sandália de salto, brincos, uma jarra de porcelana, dentes de animais - tubarão, madrepérola e metal -, um boto, pedras, cuia de chimarrão, esfera, estrelas, o símbolo Om ou Aum, borboletas, libélula, uma pena e coração. E, na ponta, modelada em metal, a inicial MR. Esses objetos, não eram apenas elementos individuais, eram marcas da vida, memórias de cada mulher que me formou e de cada parte de mim que floresceu. Eram fragmentos do cotidiano transformados em legado. No sonho, eu via uma mulher empoderada, orgulhosa de sua caminhada, carregando com honra tudo o que viveu e tudo o que recebeu das outras mulheres que a moldaram. Era a expressão daquilo que construímos umas nas outras, uma teia de afeto, força e sabedoria, onde cada gesto deixa marcas que se somam. Essa visão me impulsionou a criar a obra: uma

pintura em técnica mista sobre madeira, inteiramente pintada de branco, com relevos também brancos, finalizados em bronze e dourado. A figura feminina surge nua, despida de artifícios, carregando apenas o manto sagrado aplicado em tecido de tela, o mesmo manto do sonho, com cada objeto e símbolo materializado. Assim, o visível se converte em legível, aquilo que o olhar enxerga se transforma em narrativa, memória e alma. A obra nasce desse encontro entre sonho e lembrança, entre a minha história e a história de tantas mulheres que me atravessam. É uma celebração do renascimento, da força feminina compartilhada e dessa teia silenciosa que nos sustenta. Ao materializar esse manto, busco revelar não apenas a imagem, mas o que vibra por trás dela: a alma que se reconhece, se ergue e segue tecendo sua própria luz.

Regina Crema
Artista